

Paulo-Roberto Andel

Interesseiros e interessados

Era pra ser engraçado, talvez cruel ou nada disso. Há pouco me procurei uma pessoa que não falava comigo há anos. Não uma conhecida qualquer, mas alguém que contou comigo em várias situações importantes, e que evidentemente não foi recíproca, daquelas que some para não correr o risco mínimo de algum pedido. Tudo bem, a vida é assim e a maioria das pessoas é ingrata mesmo. Acontece que, se você só se relaciona com as pessoas que não vão te amolar, precisa estar preparado para o desprezo, a frieza e indiferença por aí. Depois de um tímido oi, a criatura vem perguntar se tem algo errado e digo que não. Insiste, persiste. Explico que não, mas...

“Puxa vida, há tanto tempo que a gente não se fala, né?” (show de cinismo)

“É, tem sim. Desde que você achou que eu ia te pedir favores ou dinheiro emprestado, simplesmente deixou de fazer contato e desapareceu.” (não contem comigo para hipocrisia)

Mensagem visualizada, silêncio e demora de réplica porque o soco foi no queixo e, se a pessoa não é completamente calhorda, ela sente

Três minutos...

“Eu só queria saber como você está”.

“Estou bem. Ótima semana”.

“Fique bem”. (certamente o objetivo original desta expressão era outro, mas com o tempo ela se tornou um ícone do “foda-se”. reparem que em muitos casos, quem a usa gosta de manter distância regulamentar de todo mundo para “não alimentar relações tóxicas” ou “só ficar perto do que faz bem”. resumo: gente interesseira que usa a companhia alheia como um objeto descartável...)

Polegar amarelo, outro ícone para dar fim a conversas desimportantes de gente que só te procura de maneira interesseira, não interessada e nem interessante. Toda relação positiva tem interesses também positivos: você tem o interesse fraternal, cordial, afetivo, amoroso, sexual etc, todas com desdobramentos. O interesseiro, não: ele só procura alguém para resolver algo, seja imediatamente ou não, mas já tendo em mente que tem prazo de validade para descartar o próximo, que vê como um simples objeto. Sua questão é apenas atender aos próprios interesses, geralmente materiais, e mais nada. É fácil identificar o interesseiro em qualquer lugar, basta pensar no nome da criatura e refletir o seguinte: “Se a minha relação com fulano/a não envolvesse dinheiro, poder, prestígio ou visibilidade, ela estaria aqui do meu lado?”

O jogo da vida é simples e direto. Com os recursos atuais, só não se fala quem simplesmente não quer. Se os tempos ficaram mais curtos, mandar um recado pela internet, um olá etc, não leva mais do que dez segundos. Desculpas esfarrapadas soam cada vez mais ridículas. Honestidade não faz mal a ninguém. Se você não sente obrigação de valorizar nenhum contato, este é um direito legítimo; apenas não reclame se no futuro o tratamento recebido for idêntico ao que você adotou. A indiferença é democrática e dói para todo mundo, até para os mais calhordas. Não que eu queira oferecer dor a ninguém: é questão de justiça. O polegar foi respondido com um smile. Para certas pessoas, só cabe mesmo o silêncio sepulcral.

O abismo

dentro de nós

Desde sua estreia, há pouco mais de dois anos, o espetáculo já fez quase 200 apresentações no Brasil e no exterior

O premiado ‘Enquanto você voava, eu criava raízes’ inicia uma nova temporada na cidade

Os artistas André Curti e Artur Luan-da Ribeiro criaram a Cia Dos à Deux há pouco mais de 25 anos, na França, com uma linguagem única que une dança, teatro, circo, artes cênicas, mímica e artes plásticas. “Enquanto você voava, eu criava raízes”, trabalho mais recente da dupla, traz essa combinação na forma de criar e conquistou prêmios na APTR e Shell, foi indicada em categorias na Cesgranrio e APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes. Agora, a peça faz nova temporada no Teatro Adolpho Bloch, a partir desta quinta-feira (9).

André e Artur assinam a dramaturgia, cenografia, coreografia, encenação e performance da montagem. Essa linguagem, elaborada a partir de temas de seus espetáculos

e com bastante precisão técnica, lança o público na magia do teatro.

Em “Enquanto você voava, eu criava raízes” não é diferente, o corpo é o guia da partitura e a fonte de leitura do trabalho. As cenas se completam e transitam entre o onírico e a realidade: uma experiência que traz à tona alguns conteúdos do inconsciente coletivo e, ao mesmo tempo, reflete diretamente nas particularidades de cada um. Cada espectador é convidado a acessar o que há de profundo dentro de si, em assuntos a um só tempo singulares e universais. O corpo, o visceral, o medo, a solidão, a alma, a reconciliação, a luz, a cura, a morte, a vida. E, enfim, a integração. “Para mim, nesse espetáculo, ficamos à beira do abismo desde o início”, diz André. “São os abismos que temos dentro de nós, essa sensação de vazio permanente, de que há algo dentro se abrindo e um outro eu está caindo dentro de si”, completa Artur.

No palco, os artistas não dizem nenhuma palavra. Nesse trânsito entre linguagens, os significados também se apresentam diversos e chegam ao público em camadas

múltiplas e plurais. Um espetáculo sensorial entre sonho e realidade, em que o público é lançado a um emaranhado de sombras e luzes, diante do imensurável, da imensidão e do mistério do abismo.

As imagens projetadas, criadas pelo diretor de fotografia Miguel Vassy e pela artista plástica Laura Fragoso, dialogam com a dramaturgia, assim como a música original criada por Federico Puppi ajuda a construir a magia desse universo.

Desde a estreia em 2022, o espetáculo fez quatro temporadas de sucesso no Rio. Em 2023, fez sua primeira temporada em São Paulo e participou do Festival de Teatro de Curitiba e do Cena Contemporânea, em Brasília. E esteve em cartaz durante um mês na França, no Festival de Avignon.

SERVIÇO

ENQUANTO VOCÊ VOAVA, EU CRIAVA RAÍZES

Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória)
De 9/1 a 23/2, de quinta a sábado (20h) e domingos (18h) | Ingressos entre R\$ 40 e R\$ 120